

**16º****COLÓQUIO  
DE MODA****EDIÇÃO ONLINE**  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## **PELES E MÁSCARAS: REFLEXÕES DECOLONIAIS PANDÊMICAS DA MODA E DAS POLÍTICAS DE CUIDADO**

Soares, Helena de Barros; Doutoranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
hellsoares@gmail.com<sup>1</sup>


### **RESUMO**

No ano de 2020 a pandemia global de Covid-19 colocou lentes de aumento nas relações sociais. Desde as primeiras informações sobre os modos de contágio vindas de Wuhan, e confirmadas pela OMS, pode-se perceber que o vírus tem disseminação e nível de letalidade relacionado às desigualdades sociais dadas pelas diferenças de classe, raça, etnia e outros marcadores sociais. Também no início da pandemia a ampla divulgação de informação científica apontou que o distanciamento social, o uso de máscaras de proteção facial e a higiene das mãos, eram as principais práticas de cuidados de si e do próximo. Muitas imagens se produziram, desde os primeiros meses até o primeiro semestre de 2021, que nos fazem pensar se as máscaras, item essencial em tais práticas, se situam também no campo da cultura de moda e, a partir disso, de qual moda estaríamos falando.

Como profissional da saúde com pesquisa sobre a roupa e a moda criei uma série de postagens semanais em rede social onde convidei “pessoas comuns” para colocarem seus rostos vestidos com sua máscara. As fotografias vinham acompanhadas de reflexões acerca dos acontecimentos sociais no entorno da disseminação da doença e aumento da mortalidade. Ao longo das postagens, os usos das máscaras, para além da rede social, teve diferentes conotações em diferentes esferas. As imagens da política genocida do Governo Federal vêm mostrando, em diversos momentos, que deslegitima o uso de máscaras e demais ações de cuidado, indicado pela OMS e por quase todos os governos do Planeta. As portarias, medidas provisórias, resoluções, instruções normativas, leis, decisões e

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Psicologia Social e Institucional, Psicanalista, atua na clínica, na pesquisa e coordena o projeto Brechó de Troca desde 2009. Participa dos grupos de pesquisa NEITS (Núcleo de Estudos em Imagem, Trabalho e Subjetividades) e HACM (História da Arte e Cultura de Moda), ambos da UFRGS. Também compõe o Coletivo Brecholentas e a ReDem (Rede de Estudos Decoloniais em Moda).





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

decretos federais relativas ao novo coronavírus (CEPEDISA; FSP; USP; Conectas Direitos Humanos apud EL PAÍS, 2021) descortinam a articulação necropolítica que deslegitima o uso de um objeto de EPI e proteção transformando-o em item de moda de luxo ou acessório de *fast fashion*.

É preciso escrever os acontecimentos do presente como forma de testemunhar o luto das mais de 439.000 mortes (SAUDE.COVID.GOV, acesso em 19/05/2021) desnecessárias no Brasil. Entender como cada detalhe de desvirtuação das políticas de cuidado foram se forjando interessa para registrarmos suas histórias sem apagamentos. Que marcas de moda se ocuparam em fazer ações relevantes de sensibilização sem fins lucrativos? Que grupos puderam se reunir para produção voluntária de máscaras e outras práticas de cuidado? Quem lucrou com máscaras de valor de luxo sob uma publicidade de sustentabilidade?

Entendendo o Brasil (ALMEIDA, 2018) e sua indústria têxtil (MEDRADO; SOARES, 2020), atravessadas pelo racismo estrutural e institucional é possível pensar que as postagens feitas no Instagram valem-se como marcadores temporais que apontam a relevância das questões propostas acima. A partir de uma perspectiva decolonial de moda, entendo que é preciso articular a elaboração de práticas de cuidado a novas propostas de conceitos de moda (SANTOS, 2020) que reorganizem o centro do debate no sul-global.

**Palavras-chave:** máscara; pandemia; moda.

